

## ANTONIO CANDIDO E ASSIS

Ana Luísa Escorel<sup>1</sup>

A cidade e particularmente a Faculdade de Letras de Assis tiveram papel decisivo na vida intelectual e na vida privada de meu pai, tendo permitido a ele uma ruptura positiva e o início de nova etapa tanto na esfera profissional quanto na esfera doméstica de sua trajetória. Como é conhecido, foi a partir do convite feito por Antonio Soares Amora para que passasse a integrar os quadros docentes da Faculdade de Letras de Assis — aceito imediatamente, diga-se de passagem — que Antonio Candido pôde se dedicar à literatura não mais de forma adjacente, mas trazendo-a para o centro de suas ocupações acadêmicas.

Chegando na cidade já com maduros 40 anos, carreira universitária firmada na Sociologia, ele pôde se voltar integralmente para a literatura, área que sempre concentrou a porção mais densa de sua energia intelectual. Assis permitiu a prática plena da vertente exercida, até ali, apenas nos atalhos da crítica de jornal, onde militou de 1943 a 1947, já que a mão por vezes torta do destino não permitiu que se tornasse titular, aos 27 anos, da cadeira de Literatura Brasileira da antiga Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, como era seu desejo. Sendo assim, a partir desse obstáculo, a relação profissional com a literatura se transferiu primeiro para a antiga *Folha da Manhã*, depois para o *Diário de S. Paulo*, dois momentos em que a necessidade de estar sempre em dia com a ficção e a poesia brasileiras e também com o que era produzido lá fora, nesses setores, o obrigava a uma carga de leitura considerável e contínua. Essa dualidade persistiu por cerca de quatro anos até que decidisse abandonar os rodapés para se dedicar integralmente à atividade acadêmica, naquela altura ainda norteadas pela Sociologia.

Nesse contexto a vinda para Assis, em 1958, ofereceu os meios para que estabelecesse com os estudos literários o vínculo que sempre buscara, no plano da universidade, meios aos quais não tivera acesso até aquele momento. Além de abrir essa porta fundamental, Assis deu a Antonio

---

<sup>1</sup> Designer gráfica, editora e autora de livros.

Candido, por todo o período em que ficou na cidade, a chance de se concentrar de maneira praticamente exclusiva no trabalho intelectual, circunstância nunca antes experimentada por ele. E isso não apenas pelo fato de ter enfrentado na fase adulta um começo difícil, sob o ponto de vista material, obrigando-o a se desdobrar em mais de uma ocupação para fazer frente às necessidades da sobrevivência, mas também porque o cotidiano de um lugar como São Paulo impunha todos os inconvenientes de qualquer centro urbano agitado interferindo no recolhimento necessário ao estudo, à reflexão e à escrita.

No tempo da fundação da Faculdade de Letras, Assis era pequena e tudo nela podia ser alcançado a pé, o que para ele, grande andarilho, constituía o aspecto mais conveniente dentre todos os oferecidos pela topografia da cidade da qual gostava — e muito — dos arredores com seus panoramas bonitos, naquele tempo, ocupados de forma rarefeita. Porque a ida à farmácia, ao cinema, à confeitaria simpática na Av. Rui Barbosa, a visita aos amigos ou o curtíssimo trajeto da nossa casa — na Rua Bandeirantes, 490 — à antiga faculdade — no colégio das freiras — pediam deslocamentos de poucos minutos, dando a Antonio Candido a possibilidade preciosa de concentrar seu tempo no essencial da atividade acadêmica: na pesquisa, nas leituras, na escrita dos próprios textos, na preparação dos cursos e das aulas, meticulosamente concebidos a partir do empenho pedagógico que sempre norteou sua relação com alunos e orientandos. Até porque, repetindo o que ele dizia, sentia-se professor antes de tudo. Gostava de dar aulas e era muito consciente da própria facilidade em traduzir o pensamento verbalmente fazendo disso sólido instrumento didático, bem como do incrível talento para expor e de um histrionismo à flor da pele com o qual passou a vida encantando alunos, divertindo amigos, a mulher, as filhas e, mais adiante, com o correr dos anos, genros, netas e neto.

Por outro lado, a Faculdade, em Assis, tal como estava organizada oferecia, naquele começo, situações muito favoráveis ao trabalho intelectual como a sala comum dos professores, salvo engano, dividida por anteparos leves permitindo, simultaneamente, o recolhimento indispensável à produção e a convivência de todos no mesmo ambiente. Essa disposição do espaço os nivelava deixando longe as diferenças de tratamento conferidas, na época, por instituições equivalentes a doutores, livre-docentes e catedráticos, situação que pressupunha uma hierarquia anacrônica e por vezes improdutiva. Esse arranjo permitia aos professores a relação próxima com especialidades diferentes das suas, facilitando a troca de informações e o benefício do contato cotidiano com o saber próprio às áreas dos colegas. Sem deixar de lado o “pacto de silêncio”, proposto por meu pai, trato que obrigava a todos, trabalhando em regime de tempo integral, manter o mais absoluto mutismo durante o período da manhã, impedindo que desaguassem no

excesso de cordialidade, típico dos brasileiros, nas prosas informais que frequentemente ameaçam a produção em ambientes com características semelhantes.

Durante a estadia em Assis Antonio Candido redigiu a versão inicial dos textos que compõem o livro *Na sala de aula*, atestado concreto de como foi fértil o período curto — três anos letivos — em que esteve na cidade. Se dependesse da vontade dele teria ficado muito mais e só não ficou por conta de circunstâncias alheias à sua vontade e sobre as quais não pode ter ingerência, naquele momento.

#### ANTONIO CANDIDO DENTRO DE CASA

A segunda interferência importante na trajetória de Antonio Candido, trazida pelo deslocamento para Assis, foi a possibilidade oportuna de modificar uma dinâmica doméstica que certamente não atendia por completo às expectativas nem dele nem de minha mãe. Conforme já foi dito, o começo da fase adulta chegou trazendo situações complicadas. Perdera o pai em 1942 e, com isso, as facilidades de uma existência confortável e despreocupada, que lhe permitiram chegar ao fim do curso superior sem outros encargos que não fossem as leituras e o estudo. Ambos, por sorte dele e disposição dos fados, muito bem absorvidas de maneira que, cessando o apoio financeiro, Antonio Candido já havia se tornado um jovem culto, pronto para entrar na carreira intelectual com segurança, tendo logo chamado a atenção tanto pelo desempenho dentro da universidade, quanto fora dela.

Os anos seguintes à morte do pai trouxeram mudanças decisivas para o percurso que ele iria seguir. Veio o casamento, o aperto financeiro e a necessidade de viver com a jovem mulher na mesma casa em que iriam viver também a mãe viúva — trespassada pela perda do marido e do antigo padrão de vida — mais um dos dois irmãos, já que o caçula havia se alistado como voluntário ao lado dos aliados, e estava na Itália lutando na Força Expedicionária Brasileira o que, por si só, era motivo suficiente de apreensão e sobressalto para o pequeno grupo familiar, já bastante golpeado emocional e materialmente por bom número de fatores. Como se não bastasse, embora naquela altura os planos de ambos não incluíssem filhos, já que pretendiam se dedicar aos respectivos doutorados, foram pais logo no ano seguinte ao casamento, situação que interferiu demais principalmente na carreira de Gilda que atrasou por cerca de quatro anos a redação e a defesa da tese sobre a moda, referência nesse campo de estudo, em nosso país, até os nossos dias.

Na casa da Rua Perdões — como a chamávamos —, Antonio Candido e Gilda viveram de 1944 até início de 1959. Nela tiveram mais duas filhas e nela moramos os cinco com minha avó, até a ida para Assis e, por

períodos intermitentes, um de meus tios. Embora sempre tenham formado um par harmonioso, calcule-se o sentido libertador que a oportunidade oferecida por Assis trouxe para ambos, depois de 14 anos vivendo numa casa onde Gilda não se sentia com liberdade sequer para assumir as tarefas da administração doméstica — as compras da feira, do armazém, o trato com as serviçais, as disposições dos objetos nos ambientes — e onde apenas a mobília de quarto era composta por móveis trazidos pelo casal.

Nesse sentido, Assis, mais uma vez, se incorpora como etapa decisiva, consolidando o afeto e as escolhas intelectuais próprias de cada um que seguiram, a partir daí, a convivência mútua num ambiente de maior tranquilidade e equilíbrio. Porque foi apenas em Assis que puderam ter uma casa só deles montada a partir do mais absolutamente essencial ao funcionamento cotidiano — minha mãe havia pedido licença sem vencimentos e, portanto, os dois passaram a contar apenas com o ordenado de Antonio Candido — casa com poucos móveis, pouquíssimos objetos, onde Gilda fazia o jantar todas as noites, obrigação, naqueles anos, ainda pouco usual entre as mulheres da categoria social dela, não deixando faltar nem no café da manhã, nem na hora do chá uma deliciosa geleia de laranja, especialidade cujo segredo, além da boa mão para a cozinha que sempre teve, era a adição da casca da fruta à polpa, conferindo ao todo um sabor inigualável. Sem esquecer a beleza da cor: um amarelo dourado, característico dessa geleia e de nenhuma outra mais.

Tanto em Assis quanto em São Paulo, Poços de Caldas, Paris e no Rio de Janeiro, nas casas em que os dois moraram ao longo da vida, uma das tônicas da dinâmica familiar era o bom humor de meu pai e a disposição para resolver qualquer entrave, chamando sempre a si as funções espinhosas. Impressionante, também, era a boa vontade para atender a mulher e as filhas a qualquer hora e pretexto, nas mais diferentes necessidades de cada uma. Prestava atenção infinita na criatividade e nas múltiplas ideias de minha mãe que jorravam incessantemente e sobre as quais ela tinha o hábito de discorrer antes e durante a passagem para o texto com um brilho verbal equivalente ao dele próprio. E era bonito ver os dois entretidos nessas conversas, anos a fio impenetráveis para minhas irmãs e para mim que retínhamos desse diálogo contínuo apenas o indício de que, entre os dois, o ajuste intelectual e afetivo não podia ser maior.

A propósito, as trocas giravam tanto em torno das ideias de Gilda — as dele não costumavam vir à tona, nessas conversas — quanto de impressões acerca de filmes, peças teatrais, leituras, trabalhos acadêmicos dos colegas. E também de ocorrências e fatos do dia a dia, observações acerca do comportamento e do modo de ser de amigos, conhecidos, alunos, parentes, em que a perspicácia de ambos era instrumento para a observação do concreto, visto como campo de interesse tão respeitável quanto o mais

intrincado dos ensaios ou sistema de pensamento.

Em relação às filhas, ainda crianças, a disponibilidade de Antonio Candido era absoluta. Parava o que estivesse fazendo — fosse o que fosse, na hora que fosse —, para contar histórias, passear, levar ao cinema e responder a perguntas. Além disso, como tivesse memória incomensurável e erudição do mesmo tamanho, não havia quase nada que não dominasse no campo da literatura e da história, principalmente, fazendo, em nossa casa, papel de enciclopédia viva, o que acabava sendo meio pernicioso porque, invés de consultar os livros, tendíamos a ir direto nele.

Bom exemplo dessa disponibilidade está gravada na minha lembrança de filha mais velha, cuja primeira infância assistiu à concepção e escrita da tese *A moda no século XIX* — provavelmente o texto mais importante de Gilda, publicado em forma de livro em 1987 com o nome *O espírito das roupas* —, da mesma maneira que escrita de *Formação da literatura brasileira* e d'*Os parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, a partir de certo ponto trabalhados simultaneamente.

Nesse período, Gilda não tinha muita paciência para as minhas solicitações de criança. Já Antonio Candido, em nenhuma das inúmeras ocasiões em que me dirigi a ele — sempre em atividade, o tempo todo ocupado com os livros e a máquina de escrever no escritorzinho ao rés do terreno —, em nenhuma deixou de me acudir. Largava o que estivesse fazendo dando a atenção que eu pedia com bom humor, respeito e interesse pelas necessidades da menina que eu fui um dia.

#### A REEDIÇÃO DA OBRA DE ANTONIO CANDIDO PELA OURO SOBRE AZUL

Logo depois da criação, em 1999, da Ouro sobre Azul — empresa que fundei e à frente da qual atuo —, foi tomando corpo o projeto de reunir, sob o selo do nosso setor editorial, a obra de Antonio Candido, dispersa e com vários títulos esgotados. Para fazer da intenção realidade nos armamos de boa dose de pertinácia e um tanto de paciência já que seria preciso esperar que muitos dos livros ficassem livres do compromisso com as casas editoras onde estavam. Assim, e aos poucos, em 2004 começamos a dar corpo a esse processo lançando sete títulos: cinco sem perspectiva de reedição, um inédito e outro que nos foi gentilmente cedido pela Humanitas.

Essa mesma dinâmica, ou seja, a espera de que se criassem condições para editar um determinado título, se repetiu com a *Formação da literatura brasileira* até o livro ser liberado pela Itatiaia, quando teve início o trabalho de edição no qual o empenho de Antonio Candido terá sido maior que o da própria Ouro sobre Azul, que não foi pequeno. Na *Formação da literatura brasileira* da Itatiaia os dois volumes da edição original, feita pela

Martins, vinham reunidos num apenas, sem que tivessem passado por nenhuma adaptação ao arranjo novo. Quer dizer, acabado o capítulo oitavo, o último da primeira parte, se entrava, no mesmo volume, pelo capítulo primeiro adentro, o mesmo que, na edição original, era o primeiro capítulo do segundo volume. E se entrava direto, sem intervalo, preâmbulo ou esclarecimento. Absoluta arbitrariedade que serve para mostrar o despreendimento do autor da *Formação* quando estavam em causa textos seus. Porque diante desse, digamos, comodismo editorial, Antonio Candido, de acordo com seu feitio, não ofereceu nenhuma resistência, respeitando as disposições da casa editora. Assim sendo, o livro circulou anos a fio desse jeito e apenas quando veio para a Ouro sobre Azul, meu pai o reordenou na sequência exigida pela transformação dos dois volumes num só, mudança que deu muito trabalho obrigando-o a um minucioso esforço de atenção. Porque, nesse processo, os capítulos do segundo volume foram reenumerados; as citações que remetiam a eles cuidadosamente verificadas e corrigidas ao longo do vastíssimo texto; as biografias do sem número de autores de que o livro trata, assim como a bibliografia, foram unificadas; saíram as ilustrações — pobres, mal reproduzidas — que não acrescentavam coisa alguma, sem mencionar o fato de Antonio Candido ter tomado a iniciativa de interferir substancialmente no próprio estilo do texto, segundo ele muito rebuscado, escrito sob a influência de intelectuais mais velhos, de uma geração anterior à sua, por quem sempre tivera grande apreço e que, de forma involuntária, teriam atuado de maneira negativa na escrita da *Formação*. Quer dizer, o remanejo foi duplo: na estrutura e no tom do texto, permitindo ao livro vir a público numa versão melhorada, em 2006, dois anos depois do lançamento dos sete primeiros títulos daquilo que a Ouro sobre Azul pretendia viesse a ser o conjunto integral da produção em livro de Antonio Candido.

Ainda no que se refere à primeira edição da *Formação* pela Ouro sobre Azul — a 10a. do livro —, como não contávamos com matriz adequada à nova tecnologia gráfica, o texto foi todo digitado incorporando as modificações feitas pelo autor. Que também aqui se aplicou intensamente no exame do material resultante, como um todo, e do índice onomástico, em particular, bastante alterado na nossa edição que se propusera a ser mais precisa no tocante ao nome de cada escritor citado. Para mencionar apenas três casos: nas edições anteriores às nossas, Machado de Assis, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela figuravam no índice apenas com os sobrenomes. Introduzimos os nomes completos — Joaquim Maria Machado de Assis, Manuel Antonio Álvares de Azevedo, Luís Nicolau Fagundes Varela — não sem ter vencido certa resistência de Antonio Candido que via nisso uma perfumaria desnecessária. Mas, como era norma acontecer com ele quando o sentido do texto não estivesse em jogo, aceitou com docilidade a determinação da editora, acatando a mudança nesses e em centenas de outros

nomes.

Em suma, a participação de meu pai na passagem da edição da Itatiaia para a da Ouro sobre Azul foi grande, obrigando-o a uma disciplina de ajustes, correções e reuniões às quais se prestou com uma cordura admirável, comportamento, aliás, que acompanhou o trabalho de reedição de todos os títulos de sua autoria lançados por nós, nos quais interferiu e se aplicou muito a ponto de mudar de maneira drástica a estrutura de *Vários escritos* e de acrescentar cinco ensaios novos a *O albatroz e o chinês*, na 2a. edição de ambos os títulos feitas pela Ouro sobre Azul.

Nesse ritmo, a cada edição lançada, Antonio Candido voltava a um exame cuidadoso de todas, de maneira que seguimos ajustando os livros novos onde sempre havia algum reparo, nas páginas marcadas com post-its amarelos. Ou por que resolvesse mudar o próprio texto, ou porque seguisse descobrindo imperfeições. E aqui eu chamo a atenção para a dificuldade de se editar um livro absolutamente isento de erro. O editor consciencioso se aplica muito na luta difícil para controlar “gralhas” e “pastéis”, mas a própria natureza da escrita impressa torna esse objetivo problemático.

Tomando o exemplo da edição feita pela Ouro sobre Azul da *Formação da literatura brasileira*, cada uma das 732 páginas de texto corrido contém perto de 3.120 caracteres. Multiplicando, chegamos aos 2.283.840 caracteres necessários para dar conta do assunto. Esse montante talvez ilustre a responsabilidade editorial por trás de cada obra de texto fabricada, até daquelas com extensão apenas mediana. Ou seja, mesmo calçado por grande empenho, o editor poderá ser surpreendido, numa dada altura, depois do livro já publicado, por imperfeições mais ou menos graves que terão passado por todas as etapas de revisão, quando o tropeço em um só caractere pode vir a comprometer o sentido de uma frase inteira. E não foi diferente com a Ouro sobre Azul no caso da *Formação*.

Da 10ª edição — a primeira feita por nós —, à 11ª, o livro não sofreu mudança de espécie alguma, tendo vindo a público sem alterações. Quando chegou a hora de se fazer a 12a., comemorativa dos 50 anos de lançamento, houve inúmeras interferências de meu pai, assinaladas com os indefectíveis pos-its amarelos, trazendo mudanças no próprio texto e apontando enganos. Não que possa servir de excusa, mas a readequação do livro, na passagem da Itatiaia para a Ouro sobre Azul foi tão trabalhosa para Antonio Candido e para a nossa editora que visto agora, a uma distância de 15 anos, se entende como bom número de imperfeições puderam passar. Principalmente se considerarmos o enorme volume de texto reproduzido para se chegar à matriz digital.

As três edições seguintes, a 13a., a 14a. e a 15a. seguiram o padrão alcançado na 12a. A 16a., de 2017, por sua vez — a última edição lançada e, nos aspectos fundamentais, a definitiva —, absorveu níveis de interferência

diferentes, cerca de 95% dos quais acompanhados e aprovados pelo autor até dezembro de 2016, cinco meses antes de sua morte. O primeiro desses níveis e até certo ponto o mais simples, embora extremamente volumoso, foi o da atualização ortográfica, feita para atender às mudanças exigidas pelo novo acordo firmado entre os países de língua portuguesa. O segundo, normatizou e padronizou termos e grafias submetendo-os a um filtro ainda mais fino. O terceiro nível foi o da revisão propriamente dita com o ajuste de alguns dados ligeiramente imprecisos no tocante a datas de primeiras edições, nascimento e morte de autores, até à grafia de nomes, obras e personagens literários. Precisou-se suprimir o artigo em títulos que não começavam com eles, ou, ao contrário, acrescentá-los. Como exemplo, o romance *As vítimas algozes*, de Joaquim Manuel de Macedo, citado na *Formação* como *Vítimas algozes*, sem o artigo feminino plural. A respeito desses deslizes, nenhum deles comprometendo a idoneidade do texto, quando apontados pelas revisoras, provocavam invariavelmente a mesma reação de meu pai: — Ô diabo! Com essa mania de citar de cabeça acabo me enganando!

Diante das pequenas falhas, içadas do mar de informação do livro pelo zelo profissional das irmãs Maria Clara e Maria Cristina Antonio Jerônimo — que trabalharam por mais de três anos, contribuindo para fazer da *Formação da literatura brasileira* um texto ainda melhor do que ele sempre foi —, a reação de Antonio Candido era de certo espanto: — Essas suas revisoras são boas mesmo!

Frase que ganha sentido especial dita por quem começou a publicar quando as tecnologias gráficas ainda não ofereciam os recursos para a edição de textos que oferecem hoje e para quem os chamados “pastéis” eram habituais em qualquer livro, independentemente do tamanho ou da natureza que tivessem. A esse propósito termino lembrando uma dedicatória a meu pai feita num exemplar de *Angústia*, por Graciliano Ramos, homem também do tempo em que os livros, no Brasil, costumavam vir cheios de erros tipográficos: — *Antonio Candido: Além das partes rudes, já corrompidas, vão aqui alguns erros e pastéis, que as tipografias estão uma lástima.*

A acidentes dessa natureza as editoras brasileiras não precisam mais se submeter por conta dos recursos com os quais se passou a contar, permitindo maior controle do texto impresso. E embora os comentários desenvolvidos neste trecho não se ocupassem propriamente da ocorrência dos “pastéis”, mas de fatos relacionados às edições sucessivas de um livro e da mudança de cultura por que passaram nesses últimos 60 anos as casas editoras, de um modo geral, as brasileiras, em particular, esse avanço pode ser bem observado na *Formação da literatura brasileira*. Trata-se de um título que atravessou várias etapas dessa evolução beneficiando-se muito dela e podendo contar não apenas com a longevidade do autor, para se aprimorar, como também do interesse continuado que seu texto vem despertando até

hoje. Texto que sofreu ajustes decisivos na 10a. edição, a primeira feita pela Ouro sobre Azul, na 12a. e nessa última e definitiva, a 16a., por pouco não alcançada por meu pai.

Rio de Janeiro, 7 de setembro de 2018.

Data de recebimento: 2 fev. 2020

Data de aprovação: 10 jun. 2020